

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SVEN NYKVIST – CULTO DA LUZ VIVA
12 e 15 de Janeiro de 2022

LIANBRON / 1965

(The Vine Bridge)

Um filme de **Sven Nykvist**

Realização: Sven Nykvist / **Argumento:** Dagmar Edqvist, a partir de uma ideia de Sven Nykvist / **Fotografia:** Sven Nykvist / **Montagem:** Lennarts Wallén / **Guarda-roupa:** Gunilla Bodin / **Interpretação:** Harriet Anderson (Viveca Hedman), Jack Fjeldstad (Egil Thomsen), Mai Zetterling (Ruth Hedman), Folke Sundquist (Mattias Hedman).

Produção: Sandrews / **Produtor:** Bertil Ohlsson / **Cópia:** Swedish Film Institute 35mm, cores e preto e branco, versão original, com legendas em sueco nos diálogos em francês e legendas eletrônicas em português, 88 minutos / **Estreia:** Suécia, 20 de Setembro de 1965.

Apesar de pontuar quase toda a extensão da sua carreira, a faceta de Sven Nykvist enquanto realizador é relativamente discreta, principalmente quando comparada à enorme relevância dos filmes que fez enquanto diretor de fotografia. Os filmes que assinou em nome próprio, nos quais LIANBRON se insere, formam um corpo temático com raízes declaradamente autobiográficas, em torno da exploração da sua relação com África, e, nomeadamente, com a presença e o trabalho de ações missionárias luteranas no Congo, ligação que se deve aos pais, que haviam sido missionários no Congo, tendo passado anos ausentes ao longo da sua infância. Nykvist escreve nas suas memórias sobre o peso deixado pela ausência dos pais e a grande necessidade de se aproximar da sua história para compreender os motivos do seu trabalho e a vocação religiosa. Daí a naturalidade com que encarou a oportunidade de seguir os seus passos e conhecer as missões em que trabalharam. A possibilidade de se aproximar cinematograficamente deste tema era já desejada, mas surgiu de forma circunstancial com um convite da associação missionária sueca para fazer um documentário sobre as missões no Congo, oportunidade que atraiu a solidariedade de Anders Sandrew, o grande produtor sueco para quem Nykvist trabalhava, ele próprio filho de missionários, e lhe garantiu o material necessário para concretizar os seus filmes. Enveredou numa data de viagens, em que faria inicialmente três filmes, com poucos meios de produção, maioritariamente ajudado pelos missionários que conheceu e pelo povo africano. Filmou I FETISCHMANNENS SPAR (1948), uma curta metragem documental que segue o dia a dia de uma missão, e uma ficção, com Olof Bergström, sobre os primeiros missionários que penetram na selva africana, com o nome de UNDER SONDRAS KORSET (1951). Em Lambaréné, no Gabão, documentou a vida e o trabalho do venerado médico missionário e organista Albert Schweitzer.

Não é de excluir que esta experiência possa ter proporcionado a Sven Nykvist a predisposição espiritual que demonstrou enquanto diretor de fotografia, e principalmente no trabalho que fez com Ingmar Bergman. A cumplicidade e recíproco crescimento que modelou a relação dos dois e a sua abordagem à cinematografia e a importância que dão à autenticidade da luz natural adquire declaradamente uma postura de veneração estética.

Quando realizou LIANBRON, Nykvist contava com cinco anos ao lado de Bergman, o que é notório no filme. O elenco inclui uma das mais importantes personalidades dos filmes de Bergman, Harriet Andersson, assim como Mai Zetterling. A cinematografia, que insiste na naturalidade da luz, torna visível o conforto Nykvist estava com a cinematografia, desenhada pelo próprio, e o grande desconforto que sentiu no papel da realização. Basta comparar as sequências em que descreve as danças e os rituais do povo africano, filmadas de um modo próximo, com a liberdade e intimidade do estilo documental, com a rigidez convencional com que aborda a montagem da narrativa central. Deve referir-se que, apesar de ser uma ideia sua, o realizador passou a tarefa da construção do argumento para Dagmar Edqvist, mas não ficou nada satisfeito com o resultado. As modificações que a escritora introduziu, substituindo o cargo das personagens principais, que eram inicialmente missionários e passaram a ser investigadores científicos que foram para África para combater a malária, e a pequena tensão amorosa que surge entre Jack Fjeldstad e Harriet Anderson, contornam o carácter diretamente autobiográfico do filme, provocaram uma desilusão e desmotivação tais que Nykvist desistiu de voltar a África.

Fica a ideia de que a principal motivação de Nykvist não seria a realização de cinema em si, mas a exploração das suas memórias, do seu passado familiar, e acaba por ser nesse contexto muito pessoal que LIANBRON tem a sua profundidade. Para além dos conflitos e dos amores entre as personagens principais, é um filme que valoriza a importância da memória, inscrita na intersecção entre o casal dos protagonistas e o os pais, que lá tinham vivido antes deles, e cuja conclusão eleva a ideia da fé e do amor ao compromisso social e cultural.

Cerca de dez anos mais tarde Nykvist conclui esta série de filmes os pais, desta vez sem a necessidade de voltar a África. KALLELSEN (1974) é realizado a partir de fotografias, filmes, cartas e documentos que o pai trouxera consigo das missões, e nele o diretor de fotografia considera ter encontrado as imagens que tinham realmente orientado a sua vida no sentido de compreender a importância e a influência que as motivações e os sacrifícios dos pais tiveram na sua vida e no seu trabalho.

Manuel João Montenegro